

# Viver-se – Antologia de Letícia Alves

Letícia Alves



Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## Dedicatória

*Para mim e para outros como eu que não só existem nessa vida, mas sim, sentem-na nos  
aforismos e lirismos dessa nossa estrada-finita.*

## Agradecimentos

Agradeço as pessoas especiais que me incentivaram a continuar escrevendo e persistir nesse mundo da escrita a dentro.

Em especial, quero agradecer a minha querida amiga Isadora Silva que foi arte e inspiração para a vida da minha escrita muitas vezes.

## Sobre o autor

Uma incomum que trata da sua incomunidade no delírio vivo da escrita.

## resumo

O brilho da cidade e a cor das silvestres rosas

As Tears Goes By - Song of Life

Ensinei-me nada

Eu não escrevo assim as coisas

Tudo que eu sempre quis

Relato dum tarde ouvindo Hisaishi e lendo páginas sem fim

A boa escrita

ARVORAR

ARte

O pequeno pássaro na gaiola

Pingo de Chuva

O silêncio – o Eu

Prosa da Manhã Declinada

Dias de Chuva – Forever Rain Spirit

Poeira Estrelar – STARDUST

DOENÇA DA JUVENTUDE – OS INSTANTES-JÁ

Os Espectros de Mim

Todo o dia sabe que vai acabar

Estações Tangíveis

Campo de Flores

Jovem Coração (young at heart)

A Eleutheromania do Samar (O desejo intenso por liberdade durante o pôr do sol)

Capim-amarelo devido ao sol

Poente da cor Laranja

O MISTÉRIO, O INEFÁVEL

A Criança e o Seu Jardim

Qual é o seu sonho?

Soprar no Vento

Derivar - Urge viver a minha vida (gotta live my life and shine my light)

Soneto da Realidade - Sweet Blood and Tears messages

Reflexões de um período de lua cheia e interior minguante

Gostos e Afinidades

Porosidade - Apperzipieren (perceber)

Corpo Imaterial

Espalhando desejos, lágrimas e flores (tudo cai em minhas mãos)

O mundo é você

Meu melhor - LIMBO

Dança da Energia que Flui – La Pioggia

Nuvens (Clouds)

Ode a Deus

A Cegueira Clara

O Mundo não está perdido - Dorme meu filho

Amar na Corda Bamba

AZUL

Como é bom ter o tempo como amigo

Manhã que se faz

Infância Eterna atrás do pensamento - Mother's Room

Saber Viver - Carta à 'lifetime' (enquanto a vida durar)

Flagelo - Ilha em Chamas, Coração que Canta

O barquinho que vai e cai

Poema das insignificâncias significativas - Vida

Pensamentos Deambulantes

Durante A Noite

Soneto da Chuva

Antes de Dormir Pensei: Um Devaneio Coerente

A estrela queima, eu teimo e volto

Voo meu

Registros Desejados, Cuidados e Diários Transbordando

A Utilidade do Inútil

Queda de Morte Súbita - o Eu Hades

Poema do Aleatório Significativo

Reflexões breves de final de ano

2023-24 - O Fim e o Começo (Novo Ano Novos Eu's)

Aonde quer que seja

A Segunda Estrela

I KNOW WHERE THE RAINBOW HAS FALLEN (Eu sei onde o arco-íris caiu) - Fantasia da Infância

Diary – fragmentos esparramados

É preciso pairar com o ordinário

Entre o momento-lento e o sono-sonho o poeta veste-se de palavras

O tempero da vida - azul

Des(pensar)

Reflexões sãs e leves como a árvore

palavra é paz interna, é Amar-se

tristeza é a sua hora - meu embuste perfeito

o que sou eu - resposta

Des(pensar) para Des(pesar)

Cego na noite



## O brilho da cidade e a cor das silvestres rosas

Eu vejo o brilho da cidade à noite  
E é tão bonita!  
Não lembro das dores que esse barulho traz comigo,  
Não me lembro de nada disto, amigo...  
Pelo menos por hora esqueço isso.  
O brilho noturno leva todos os pesadelos consigo...  
Percebo as luzes artificiais que bloqueiam a visão das estrelas,  
respiro e agradeço, pois há o vento para sentir.  
Vejo pessoas desaparecidas da vida, dirigindo em alta velocidade,  
correndo contra o tempo, ao vento, perdendo a vida, perdendo tempo.  
Entendo o custo dos tempos modernos, líquidos.  
Desvio o olhar e vejo um menino que brinca perto duma planta;  
A sós diz muito com o seu olhar.  
Há muitas almas bucólicas no meio dessa névoa de motores  
de carros que veem na vida o além que está no agora,  
o brilho da cidade e a cor das silvestres rosas.

Meu olhar muda para o leste. Penso que todos estamos a procura de algo.  
Dos nossos ancestrais seguimos os mesmos passos.  
Entretanto, seguimos com a constante dúvida  
sem a sabedoria, a receita para encontrar esse "algo".  
Perdidos no mundo-espço. Brincando com o insaciável.  
Para esses o menino ensina uma lição: aperceber-se.  
No brilho da cidade que nunca se apaga eu espero amadurecer,  
sem entorpecer o meu ser, desembrulhando-me  
neste meu humilde canto, vendo as coisas bonitas  
que dia após dia há para ver.

## As Tears Goes By - Song of Life

Eu tenho esquecido o que aprendi do mundo.  
Tenho perdido muito.  
Eu corri atrás da resposta  
para estagnar na dúvida.  
Aquele espaço-tempo todo foi muito decisivo.

Se eu voltar pra casa e me deitar  
devo deixar a emoção me domar?  
Uma certa tristeza que está acenando...  
Pensei que ela estava indo, mas está só chegando.  
No final, está sempre por aqui rondando...

Eu não me aceito para me aceitar.  
A palavra felicidade, por isso, me fez tremer.

Então o amigo vento passou e sussurrou sabiamente:  
? Se você olhar para o passado e refletir agora,  
vai ver que o que você perdeu  
torna a aparecer perdido onde você perdeu.  
Preste bem atenção, as coisas perdidas  
perdidas estão naquele lugar.  
Às vezes você olha para o fundo e para atrás em busca do perdido,  
bisbilhotando a luz do luto e por lá perde o seu eu.  
Abismo cavado; buraco seu.

Observo e ouço...  
O vento e a tristeza estão acenando de novo, e as lágrimas caem...

O vento soprou, a neve findou,  
a chuva parou, a flor desabrochou!  
Tudo isso enquanto eu estive florescendo ao vento  
para essa nova vida-estação.  
Estou longe e dizendo até logo. vão.

As nuvens são brancas  
e o céu é todo azul.  
Uma vez que cresci,  
fui-me.

## Ensinei-me nada

Ensinei-me as diversas línguas;  
Ensinei-me as inúmeras histórias dos livros;  
Ensinei-me os deleites da boa música;  
Ensinei-me o descontentamento que outrora a Camões pertenceu;  
Ensinei-me a perder pouco a pouco o meu eu...  
Ensinei-me sobre a Teoria de Deus.  
Ensinei-me a encontrar o cerne do meu eu.

Entre tanto ensinamento, aprendizado e esquecimento,  
fui incapaz de não aglomerar o pensamento;  
Incapaz de guardar as palavras do Salmista no coração;  
Como se tudo que um dia li se tornasse vão.  
Vislumbres e poeira no chão.  
A incapacidade minha, e só a minha,  
de manter esse conhecimento ?  
que sustentava o meu ser ? de dentro, para dentro,  
constituiu em mim o meu pior adversário.

Algun resquício maltratado num ser desorientado.  
? Ele ia ao vento, na árvore, no momento.  
Concluía que o simples não jaz.  
? Complexidades? As têm demais.  
E terminava o pensamento, enquanto  
uma folha de árvore caía sobre a sua cabeça.  
Mais uma vez a natureza ensinado como ser leve.  
Alento leve.

## Eu não escrevo assim as coisas

Eu não escrevo assim as coisas.

Eu sou de outras.

Da magia da alma,  
que só o homem  
que ama o irrelevante  
experimenta.

Do posso sem fundo.

No meu descobrimento  
do mundo acordo e durmo.

Acordo e durmo  
sendo Ser Noturno.

De cabeça pra baixo  
escrevo uns versos  
ao avesso do resto.

Delírio no meu verso.

Nos meus versos expresso  
o nada real das coisas  
das cousas ? magia doutra.

Mente coerente  
é mente que não voa.

Apego-me à ave  
e por isso a minha rima voa que voa,  
para longe disso que conhecemos,  
mas que está tanto  
dentro do que vemos  
que por vezes não percebemos.

Porque eu não escrevo outras coisas.

Eu sou assim.

## Tudo que eu sempre quis

Uma manhã que lentamente começa a construir-se.  
Um café quente como as ondas do raio de sol  
de dias de verão na varanda;  
Páginas de um livro tão velho que tão amigo,  
sendo folheadas, lidas com carinho.  
Uma gota de café que nele cai  
e forma a desarmonia.  
? Ó vida cheia de *(des)graça!*  
O pássaro avoando por todo lado  
canta, como quem ri da situação,  
e num desencanto que encanta  
um tanto desfaz esse reclamo.  
Olhos na natureza;  
Na graça da harmonia da sinfonia desarmonizada.  
Umas casinhas brancas, umas árvores verdinhas...  
(Penso em quanta história não carregam  
essas coisas simples.)  
Pessoas passando, simplesmente vagando.  
Vejo rostos diferentes e vidas diferentes,  
concomitantemente, almas com os mesmos  
dilemas. Risos e problemas.  
Todos alunos da mesma vida que hora ou outra rima.  
Um verso à solta;  
Uma palavra à volta;  
Uma linha ao vento;  
Um texto insólito.  
Respiro e penso em Deus...  
Agradeço pelo ar, o respirar...  
E nesses instantes a manhã se faz,  
emoldurando seu belo quadro,  
nas veias do tempo da minha mente  
de **belas memórias carente.**

## Relato dum tarde ouvindo Hisaishi e lendo páginas sem fim

Às vezes numa expressão solene, quase que enfadada,  
respiro o ar gélido e inspiro o meu contentamento momentâneo;  
Apercebo-me do universo ao meu redor.  
Astros esparsos, meros rastros.  
Penso então em quão contraditório pode ser a existência ? bela e barulhenta.  
Levanto o olhar levemente e o universo que coexiste em mim  
resplandece nas nuvens. Pálidas, mesmo cheias de chuvas,  
seguem esbranquiçadas em leve ternura.  
Para mim. Para quem olhe. Para algo e para ninguém ? Apenas por ser.  
Fruem no entardecer que cai levando o sol de forma bela e devagar.  
E a mente precipita-se em flutuar com as estrelas  
que se ascendem no céu solitárias. Nossas eternas companheiras.  
A noite em breves instantes se refaz em claridade.  
Uma rajada de ar noturno entra pela janela num  
abrupto ar. Abruptos pensamentos incendeiam tudo de dentro.  
Outro vento congelam-nos.  
? Os pequenos, quase que insignificantes, momentos  
são essenciais para compreender o todo.  
Outro dia, à tona, trago isso tudo de novo.  
Preciso relembrar para lembrar *como caminho, qual é o caminho*.  
Demoro mais um pouco na cadeira da varanda,  
escrevendo langorosamente o que já disseram e passaram outros.  
As nuvens se separam de novo...  
Pressinto que outro tempo está para vir.

## A boa escrita

*Desenhando entre as palavras  
brincando com as estruturas,  
verbos, conjunções,  
o que dá é a minha conjectura  
Linhas do tempo emparelhadas;  
Sons de música sem nada;  
Cores vivas, cintilantes e atrasadas.  
A escrita é necessária.  
A boa é rara.*



## ARVORAR

Tem dias que a vida me lembra  
o quanto ela é passageira  
e bonita como a cerejeira japonesa.  
Noutros traz-me de volta à memória  
do quão seco os galhos podem ser; secos e diversos.  
Mesmo nisso há sempre um universo.  
Aguardo pela amendoeira  
que irá manchar essa estrada cinzenta  
com as suas pétalas brancas,  
simbolizando uma nova temporada ?  
outra página, outro recomeço ?  
para quem quer que a veja.

## ARte

Arte  
é ar de gente.  
Gente d'alma d'arte,  
carece diferente.  
Ter arte é ter ar;  
Ar da arte de amar.  
Ter algum lugar  
no mundo  
é o cerne da gente;  
Dessa gente em arte  
que é toda  
bela e diferente.

## O pequeno pássaro na gaiola

Há um pequeno pássaro na gaiola  
que quer aprender a cantar.

Na plenitude da luz do dia  
muitas vozes estão a cantarolar,  
por isso o pássaro engaiolado  
não consegue as suas  
próprias notas acertar.

Mas o seu Mestre cobre a gaiola  
com um pano escuro,  
onde há somente uma canção,  
a qual o pequeno passarinho  
atenta em meio àquela escuridão.

Após fartas  
tentativas fracassadas,  
o passarinho irrompe o silêncio  
e o escuro com o seu canto inefável.  
Como é bonito e prazeroso este som!

Assim, o pequeno passarinho  
se tornou um **grande pássaro**.  
O passarinho aprendeu a lição  
com o seu Mestre, à custa do molde  
do seu canto dentro do seu coração.

O canto do interior que doía e ardia  
agora traz à alma do passarinho regozijo.  
Está é a lição, querido amigo.

## Pingo de Chuva

Cai um pingo de chuva,  
Cai uma palavra no papel  
e se desenforma,  
criando forma.

Não recordo das pequenas coisas intrínsecas.  
Por que o tempo passa sem passar?  
Dentro de mim cai aquele pingo de chuva.

Outro pingo cai, mas esse voa com o vento.  
Alento. Voa desfeito como o meu eu frágil e permeável.  
Se até o pingo de chuva quando cai do céu  
voa em direção ao inesperado, voarei eu também.

Meu voo ficará registrado no papel.  
Entre turbulências ásperas e plenitudes cobertas por nuvens.  
Já que não me restam tantas reminiscências na memória, escrevo.  
Embeveço na poça que o pingo de chuva criou.

A alma e a memória dormem,  
mas resplandecem em artifícios de memórias vivas,  
quase que autênticas, quando escrevo.

Escrever até que  
a última gota  
se desfaça  
por completo.

## O silêncio – o Eu

Definir o silêncio é definir eu mesmo.

É o meu eu demasiado alto.

O indizível estufado no peito  
que não fala, mas tributa.

E então eu vejo-me naquele ponto  
silencioso, perdido, aprofundado  
no inefável e sozinho.

Todavia, esta solidão nítida não me apavora,  
pois é, na verdade, o meu *cerne de solitude* ?  
a solidão do silêncio, autoconhecimento.  
Meu acontecimento está ser adentro.  
Minha espécie de **Recomeço**.

O silêncio. A definição.

O Eu. A solitude.

O Recomeço. A mundivisão.

## Prosa da Manhã Declinada

Há manhãs embevecidas de nódoas formadas pelo declínio humano da minha parte que parecem não me deixar estar. Desço as persianas na tentativa de não obter a visão do inferno logo cedo, como sempre fiz. Como sempre evitei. Tal como nunca outrora tentei. Nunca tentei me livrar disso. É o peso que carrego comigo.

O peso de saber que por vezes as folhas amanhecem plácidas, mas sem vida. Assim como a lua, sem brilho visível e sem algures estima. A mancha cobre todo e qualquer resquício de longevidade em mim, que sigo pendura à sombra. Arrastando-me nas penumbras do que se chama existência, com uma certa irreverência e repleta de incongruência.

Apesar de tudo, assim como as nuvens carregadas e os mares e os seus peixes mortos, estarei fadada a existir entre os arames disso tudo, que levar-me-hão para além do abismo; contemplá-lo de cima e seguir em metonímia. A tristeza fértil; a sombra que resplandece à noite; o calar da voz que faz o coração tributar.

À vista disso, escalo. Escalo também os dedos no teclado, como um mero vigia solitário sobre a minha *lua-anseio* e aquém dos meus devaneios

## Dias de Chuva – Forever Rain Spirit

O tempo nublado reflete o meu espírito sonolento hoje.  
As estradas molhadas e pessoas apressadas, ainda que pareçam estar caminhando numa lentidão passível, trazem-me a percepção de um dia de chuva comum, mas diferente. Sinto-me diferente, mas isso, este sentimento de incisiva e inerte vacuidade, não é novo. Já me ocorreu. De tempos em tempos vem; sobrevém-me -- é para sempre...

E, de novo, a chuva cai ressoando a desconformidade existente em mim, numa sinfonia natural que só as gotas desse dia podem conceber, que só a natureza e a alma bucólica podem perceber em volta de si.

A névoa é pálida como a tranquilidade que exerço ao andar sob a chuva com o meu guarda-chuva vermelho, como a rosa avermelhada que observo enquanto ando e medito, reflito nalguma brevidade que já não existe mais.

A vida nos dias de chuva é diferente. A lenitude parece-me regressar bem devagar quando ouço gotas, do outro lado da janela, a estalar no chão. Nesses dias tudo cai e se refaz em câmara lenta. Permeia o que só na alma adentra.

## Poeira Estrelar – STARDUST

Vejo sombras à noite que parecem balançar estas frágeis paredes.  
A cidade está repleta de poesia estrelar.  
Poeira do pensar, das ideias.  
Sinto preguiça e volto a cochilar...

Luzes de néon, fogos de artifício em cores de arco-íris.  
Em pensamento, verso um desfile pela cidade,  
imaginando coisas que nunca voltarão  
acontecendo bem na minha frente,  
como se eu estivesse em busca de um sonho interno.

Fecho os olhos e o vejo nitidamente no meu silêncio colorido.

Uma vertigem prazerosa. As luzes estremeando e eu escrevendo.  
Compassos de vento e existência ? a minuciosidade do momento.  
Aqueles sombras noturnas perfuram as janelas,  
preenchendo a minha alma de poeira estrelar  
com quietude, desejos e esperanças taciturnas.

Um único fragmento de uma nuvem solitária,  
que reflete o eu, separa-se do resto do céu.  
Transcendo e entendo o mundo, as galáxias e todo o universo,  
mesmo sentada numa cadeira também feita de poeira estrelar.  
Esta cadeira parece mais uma memória...  
Reflito e olho para o céu azul-índigo através  
dos meus dedos, receios e versos não feitos.

Vejo a nostalgia na superfície do luar,  
e tudo e todos começam a desaparecer  
no som do bramido distante do mar,  
que ? conforme fechos os meus olhos ?,  
foge de mim, afluindo com a poeira estrelar.



? *Hyun*

| 30/03/2023 às 12:36

## DOENÇA DA JUVENTUDE – OS INSTANTES-JÁ

Às vezes, em momentos frágeis, num instante-já, sinto a minha juventude sendo esvaída das minhas mãos, como se tentasse segurar a areia com os dedos semiabertos, para uma suposta eternidade.

Uma eternidade longínqua que resplandece nos olhos. E eu giro, giro e entorpeço com isto, numa dança esquisita para a minha juventude, para a vida nos instantes-já, para o presente que já passou e me levou, para a minha inconstância e efemeridade, para todo o saudosismo vigente que me traz da vida saudades.

Ah, o passado. Tudo já é passado... assim como essas palavras que já se tornaram meras reminiscências. Pequenos artifícios que me tocam, me fazem querer viver, me fazem sorrir ao lembrar e ao notar a minha juventude ? a minha doente juventude.

Choro de felicidade e saudade. A melancolia invade e aflora toda a parte penetrável deste coração embevecido pela brevidade das coisas que ainda nem foram experimentadas. À juventude que existe em mim dou asas. Aceito as quebradas. Dou graças à vida e a Deus pela juventude que posso viver, sentir, por ela de prazer morrer.

Nos instantes-já vejo os substratos da minha juventude passando e, porque noto esse fenómeno esplêndido e belo, porque posso ver e viver, sou feliz.

Até na infelicidade há a parte onde a felicidade paira;

Até na lagrima há expressões de leveza;

Até na calma há inquietação;

Até na água há sede.

Tudo sempre está tão longe, ainda que esteja sempre aqui.

Contudo, às vezes, em momentos frágeis de instantes-já,

a vida é vívida, e então vivida.

## Os Espectros de Mim

Quanto a mim, sempre na tentativa resiliente de descobrir  
no meu íntimo, nesse cerne inefável, a mim mesmo,  
este ser designado por falhas, eu tropeço.

Tropeço sempre em uma ou outra percepção  
particular e mais intimista. Vejo graus de características  
que me dividem, ao mesmo passo que me compõem:

Sou resoluta e insípida;

Possuo espectros de luz e sombra;

Corre no meu corpo sensações de frio e calor;

Transcendo nas impressões das árvores

e também nas dos campos mortos.

Esses espectros são levemente afastados de mim,  
coexistem, mas sem se fundirem.

De tempos em tempos um volta,  
significando a partida de outro.

Por vezes, todos se ausentam,

e, durante essa ausência,

não tenho consciência nem mesmo

do paradigma que me rodeia,

do meu eu próprio e da minha existência,

como se as percepções não me afetassem,

não me visitassem, deixassem-me.

Vivo um sono tranquilo de alma, na linha tênue do 'enquanto'.

Até que todos eles voltem e encontrem-me.

- 09/03/2023 às 11:36

## Todo o dia sabe que vai acabar

Todo o dia sabe que vai acabar.  
Todo besouro sabe que vai voar,  
brevemente existir e morrer.  
Será que os gafanhotos conhecem  
o inverno como eu?

Será que o passarinho que acabou  
de passar aqui sabe que eu não  
posso voar como ele?  
Que eu não tenho gaiolas  
ou asas como as dele?

Todo mar sabe que na sua  
profundeza escondida  
é onde algum tesouro  
perdido habita;  
alguma espécie indefinida.

A onda também sabe que  
o momento mais bonito dela  
é o que faz ela quebrar?  
Se soubesse ela ainda escolheria?  
Só a onda conhece o eclipse do mar.

A estrela morre todo o dia  
e nasce toda a noite, venusta.  
A lua, sua amiga, todo dia  
enfrenta e reflete a sua fase-parte.  
Todo dia eu sou o que sei que vai acabar.

Mesmo assim escolho fazê-lo  
e morrer de viver.  
Tem-se muita água,

água que deve correr  
intensamente para se beber.

## Estações Tangíveis

Decorrem os dias, vão-se as horas.

Uma primavera rumoreja de dentro para fora dessa toca.

O outono chegou, e as suas lembranças me envolvem

numa espécie de abrigo saudosista,

como se fosse, na verdade, noite de verão,

resta-me lembrar de lembrar

e lembrar e lembrar...

O inverno retornou...

O ar gélido e tépido bate às portas.

Muita neve e mansidão. Cintilam as músicas clássicas natalinas.

Tudo é como cristal. Um cristal melancólico que apodera-se

ainda dos dias de outrora.

É um ciclo que se renova.

Outra hora entardecer-se de novo naquele mesmo conto

de verão de fim de dia, observando palavras nas constelações

de cada paisagem que não de atender o pedido angustiado

da robusta flor de primavera que tem renovado as minhas forças.

A pintura da palavra vista purificou-me. O pedido da flor efetivo tornou-se.

Por enquanto, sigo cantando todo o canto que me é atravessado.

Sobreponho-me a todo esse resto. Transpasso-o, quer seja ele um

mal ou bom verso. Por aqui me despeço. As estações findam. Encerro.

## Campo de Flores

Me encontro num campo de flores.  
Imagino o oceano, o deserto, o mar,  
o paraíso e a terra. Fértil, mas vazia.  
Imensa e entupida.

Que será explicar o mundo,  
sem ao menos conhecer a si mesmo?  
Como poder acompanhar o mundo e  
mostrar-se surdo ao não ouvir a si próprio?

As ondulações temporárias representadas  
na mente estimulada desenham ondas que  
vibram forças. O reflexo é tão forte  
quanto o que é ponderado.

Eu sinto, logo vejo e, se vejo, é para criar.

No final, imaginou tudo, mas sempre  
dormiu num campo de flores.  
Morto ou não, sempre foi  
um campo de flores.

O rascunho do meu é escrito  
em fogos de artifício ? queimam e brilham;  
Incendeiam enquanto se apagam.  
Vagam e reluzem como vagalumes.

Me encontro num campo de flores,  
sem título, sem nome, sem a vergonha,  
sem o túmulo dentro do peito.  
E aqui, onde fui plantada, permaneceréi.

## Jovem Coração (young at heart)

Alucinação de plantas que se movem como pássaros,  
sem direção; o vento dita o fluxo glacial, solitário, mas acolhedor.  
Para acordar deste sono profundo (não-vida) disfarço-me  
de joaninha e prendo-me à folha ? sublime momento; vou de ida.

Conversamos sobre a arquitetura da ponte-árvore, da canoa na  
água serena nos confins ignorantes de tudo bem mais longe...  
O som plácido envolto dessa atmosfera guarda-nos. A nudez do sol,  
o músico que esquece a partitura e o cachorrinho que chega devagar.

(O mundo passa a ser uma máquina lenta, pois nas minhas lentes tudo  
acontece devagar. O tempo parece esperar. Tardar. Findam-se os "será's")

Visão quase que celestial. Transcendental. É um doce delírio.  
O corpo arrepia e respira, boiando nas vibrações contínuas dos  
leves raios de sol. Êxtase relampeja. A imagem reproduz-se até  
o sem-fim, aqui dentro, em mim. Estreito, mas direito no jovem coração.



## A Eleutheromania do Samar (O desejo intenso por liberdade durante o pôr do sol)

Um cubículo de mundo;  
Minha estrela perdida.  
Encontros no interior.  
Sinto-me renovada.

A paz pungente;  
O eu vigente.  
O mundo é calma  
no meu mar abrangente.

Pegadas na areia,  
mas não de areia.  
O mar as apagou,  
mas ainda me lembro delas.

Assim como as minhas  
borboletas feitas de memória,  
que voam despejando em mim  
alguma outra história; outrora; nova.

Em algum lugar  
descanso ?  
(in)ternamente.  
<sup>1</sup>Eleutheromania.

Encontro-me no ritmo que sai do tom;  
Deixo a borboleta voar;  
Rego o que é bom.  
Nego o importante (deles) que não é meu.  
Samar e romantizar o indefinível perecível.

[Por muito tempo essa tem sido a nota musical que anelo por acertar. Estou quase lá.]

<sup>1</sup> *Substantivo ? Um intenso e irrepreensível desejo por liberdade (Grego).*

<sup>2</sup> *Verbo ? Ato de sentar juntos numa conversa ao pôr do sol / ou no fim da tarde (Árabe).*

## Capim-amarelo devido ao sol

Capim-amarelo devido ao sol.  
Através dele vejo o dia e a folia  
das crianças que passam  
andando de bicicleta,  
emparelhadas com seus amigos,  
da vida rindo.

Conectar o oceano com a alma.  
Descrevo as ondas do mar em sentimento,  
e o sentimento-onda finda por bater em mim.  
Eu vi. Vi de forma translúcida o seu esplendor  
e nostalgia passaram por mim.

Pássaro vermelho. O dia é reflexo dele.  
Dele que encanta enquanto canta, e perante  
a colorida sinfonia lembro da infância.  
A alma suspira de alegria.

Avisto um balanço velho, subitamente  
as memórias se fazem novas.  
A criança no balanço que vai e vem  
e o entardecer que cai.

No fim do dia, a lua ascende,  
acendendo em mim algo.  
Sinto que é uma mensagem  
plácida da existência para mim.

Sinto a incógnita. Deixo estar.  
Apercebo-me de mim. Deito e sou feliz.

[O capim tornou-se  
naturalmente verde-escuro.

Mas, os vagalumes iluminam-os,  
até que noutro dia tornem a brilhar].

## Poente da cor Laranja

É a hora em que os trabalhadores voltam para casa.  
O sol confortavelmente aquecido parece deslizar  
para a superfície calma e bucólica que vejo.  
Um, dois, três, e mais um, sempre mais um carro  
deslizando rápido e vultosamente; formando figuras,  
formas abstratas que revelam minhas vontades inatas.

Derretendo lentamente, mas é prazeroso.  
Finalmente o tempo parou.  
A folhagem das formas pairam sobre mim.  
Esqueço-me até que tenho o céu para admirar porque  
só sinto as cores e as ondulações trazidas por elas.  
Transformo o espetáculo cotidiano ? este momento  
que passa tão brevemente - numa paisagem colorida  
que deve ser percorrida isoladamente.  
Após isso ninguém sai inalterado. É necessário  
puxar a lavanca do seu próprio meio para mudar  
a cosmovisão do todo, passar da superfície  
contaminada e arrancar as raízes do mal.

? Enfrentar o abismo e ter inclinação para viver. Ser.

A folhagem cheia de vida e graciosa me mostra como  
abandonar a mão ansiosa que procura a totalidade,  
me ensina a arte de acolher a vontade abstrata de uma  
pura impermanência da forma significativa, da figura da  
existência. De tudo que muda sem porquê, sem resposta.

Na hora em que o sol é macio como o azul e generoso  
como o lírio-laranja, eu procuro encontrar o poder  
construtivo, meu, e subjetivo; frágil como a sonata,  
frágil como eu. Libertar! Libertar, finalmente, as figuras  
que haviam sido empurradas, direcionando-nas

para uma explosão exterior esplendorosa ? a sina suave.

Agora, no final, vejo a glória da vida em lilás singelo, castanho sóbrio e verde novo. Possuo a graça, a força e enxergo toda a luz que me reluz, enquanto constela a noite que se aproxima.

*<sup>1</sup>O laranja é uma cor ativa que significa movimento e espontaneidade, simboliza encorajamento, estímulo, gentileza e tolerância. O Laranja é também a cor da comunicação, do calor efetivo, do equilíbrio, da segurança e da confiança. É cor das pessoas que crêem que tudo é possível.*

## O MISTÉRIO, O INEFÁVEL

A escrita me recomendou o cheiro das flores,  
depois me mostrou o brilho da noite.  
Transcendeu-me ao indizível, na procura do invisível.  
Acabei por dormir na palavra, conectado com o inefável.  
Encontrei o mistério estabelecido no 'entre' das coisas ?  
o ventre e o caminho; ente aconchegado na alma existente.

Num artifício sublime, na égide indecifrável  
que se estabeleceu em mim, descansei.  
Descansei e vivi.  
Em chamas ardentes pelo mar;  
em luzes instigadas a ascender ao céu cedo de mais;  
Entre o desejo e o eu, permaneci.

Eis o mistério, a dúvida e a resposta vaga.  
Vaga de palavra, completa de impressão.  
São questões que padecem de encontros mensuráveis  
com a realidade, mas que vivem placidamente na alma adormecida.  
A paz de não compreender é viver.  
O indizível é o mistério, e o mistério tem de permanecer lá.  
Acolho o meu mistério e concebo a existência a mim  
? concedo a vida sem-fim.

## A Criança e o Seu Jardim

E a criança que brincava  
sozinha no mato do quintal de casa ?  
o universo onde tudo bastava ?,  
agora não anseia por mais nada,  
além duma casa de novo  
com aquele espaço enternecido  
de simples maravilhas,  
que abriga um lar no interior,  
onde as coisas banais são  
preciosas demais  
e a maestria das asas  
duma borboleta regozijem  
em sua mente numa fantasia  
de desejo e paz.

Essa criança crescida,  
que percorre um longo caminho  
brincando de ser grande,  
não vê a hora de voltar para o jardim:  
O conforto ? aconchego iniciante.



## Qual é o seu sonho?

Às vezes o meu sonho é estar deitada e dormir;  
Às vezes é caminhar na brisa leve sorrir.  
Dias em que é ouvir música  
sem dar lugar para a vida frenética  
ou escrever desejos infinitos que não cabem no peito.

Não sei o que de fato há dentro de Tudo.  
Muito menos o que cabe aqui.  
Se pudesse só escreveria.  
Escreveria por uma vida,  
pela minha vida.

O avesso de todos, de Tudo.  
Sonho com ser um caleidoscópio d'ouro.  
Outro. Outro sonho.  
E se eu fosse do tamanho dessa esquina?  
Infinita que tão finita.  
Ora, isso eu já sou!  
E se eu...

Na verdade, o meu sonho não se encaixa.  
Neste *\*Tudo*, ele desen(caixa).  
Sonho em ser o que não me pertence,  
talvez por isso ame ler.  
Não sei dizer. Só quero ser.

*\*Tudo está se referindo ao mundo*

## Soprar no Vento

Acordei e deparei-me com uma cidade solitária.  
O vazio muda as pessoas.  
E o vento anda para lá e para cá carregando  
a alegria e a tristeza delas pro lugar onde  
deveriam estar, ou ao menos, deixam estar.

Os ventos vêm e vão;  
sopram, flutuam.  
Rodam numa dança somente sua.  
Agora que estamos aqui, sentimos  
o balanço intenso e enternecido nos levando.

Estamos indo para o lugar  
onde deveríamos estar.  
Vamos soprar para soar.

Soprar essa melodia que só  
nós reconhecemos e entendemos;  
Soprar a rima que só essa  
alma atordoada embevece...

Sou um pássaro que não sabe voar,  
me ensine a ser, como Tu, leve e me leve!  
Cansei de cair e ferir-me com a neve.

Oro para achar o caminho certo.  
Desejo que isso me leve.  
Só quero soprar e nas Tuas mãos segurar;  
finalmente descansar.  
Um final para tudo isso. ? Quando eu soprar.

## Derivar - Urge viver a minha vida (gotta live my life and shine my light)

Derivar do impulso humano.

A fragilidade da arte; o encanto.

Canto no enquanto.

E amo enquanto ando.

Colorido, mas triste,

corporizo a felicidade

e anoiteço com a tristeza

desmotivada, desfeita.

A mistura do momento

marcante de brilhantes,

é como a borboleta,

encantadora e fugaz.

Aí se escondem os mistérios

mais bonitos, mágicos ?

produto híbrido e desafiante,

que constrói na alma

e no coração algo inquietante.

Nessa altura como remédio,

debruço-me no retiro do mundo

maternal das águas claras,

Me retiro do mundo por instantes.

Jogo esse <sup>1</sup>dualismo nas fronteiras

difusas, nuas, encarando os

nossos novos horizontes,

abertos, lavados.

Derivo da mente purificado.

<sup>1</sup> René Descartes (filósofo e matemático) propôs o dualismo das substâncias (que seriam uma entre

duas coisas: res cogitans [coisa pensante] ou res extensa [coisa extensa]). Para ele o espírito e o corpo seriam nitidamente distintos. Espírito e matéria constituiriam dois mundos irreduzíveis, assim não seriam nunca uma substância só, mas sempre duas substâncias distintas.

## Soneto da Realidade - Sweet Blood and Tears messages

Como um abismo que vai e não consegue parar, eu sou;  
tangendo o inadequado da musicalidade metafísica,  
rebelando-me aos excessos do mundo que,  
repleto de modernidade, perdeu o 'instante'.

Como sendo um elemento que aguarda e que pratica  
essa 'abertura hesitante' assisto e tento afastar de mim  
essa dimensão empoeirada. Quero o que guardo, tento  
evitar, por vezes, a deformidade da vida que me aguarda.

O encontro é a existência perniciososa dum êxtase de submissão  
de tirar o fôlego com as inocências manifestadas  
por um otimismo quase imaculado que me é dado;

É uma espécie de apaziguamento que sela a separação entre  
ambas as dimensões: o eu que deambula lúcido e a realidade  
que cega. Sendo ambas doloridas, porque ambas são a vida.

## Reflexões de um período de lua cheia e interior minguante

Eu hoje gostaria de escrever um texto, um que fosse verdadeiro.  
Na verdade, mais que isso: algo que fosse permanente,  
que eu não esquecesse, que fincasse no coração, não só na mente.  
Queria lembrar que cada campo de flores em que me imaginei  
era como o lilás cruzando a relva fugazmente,  
cada flor de lá, no final, era uma vitória.

Esse é o abraço confortante que alcança o seu  
ápice de calor em tempos frios ? passa sussurrando  
gentilmente me fazendo lembrar das flores novamente,  
quase que vividamente. *Eu toco as memórias, mas  
não posso prendê-las nas minhas gaiolas.*

Descobri que é possível ser feliz, carregando gentilmente um  
coração <sup>1</sup>(in)feliz, mesmo sendo uma borboleta de luz azul isolada  
nesse mundo. Por ser azul, capto o azul universal, na melancolia  
do esplendor: a lua segue intacta iluminando à costa do mar ?  
é a vida acontecendo de novo. *Tudo que eu quero precisar.*

Sinto que eu sonho muito. Vivo muito. Penso sobre tudo, sobretudo  
no ideal utópico. Todavia, não (des)escrevo todo esse mundo.  
Escrevo pouco, como se fosse, antes de tudo, mudo nas mãos.  
O pensamento é tão transitório e efêmero para recuperá-lo  
em palavras e formá-los mais uma vez com as mãos que,  
o que resta, muitas vezes, é a morte desse fugitivo.

Por falar em morte, morrer é preciso. Tão preciso!  
Reconhecer o que segura todo esse tempo, abrir os  
seus olhos por um momento para perceber as mentiras  
que se escondem por trás das coisas dormidas,  
normalizadas e volúveis. Beba. Beba até encher-se com  
as dúvidas valiosas, só assim é possível notar o que te

envolve, socorre, abraça, acolhe, cobre, alimenta as flores que murcharam e caíram pelo caminho; recolhe.

*Recolha-se. Encolhendo-se e abrindo nova colheita.*

Ultimamente, tenho sentido o quanto é difícil perfurar por longo tempo a realidade. Uma linha tênue: necessidade; vacuidade. Tudo muito raso e breve. E aqui permaneço. Eu que ando em vias frenéticas querendo compartilhar calmarias e ventos suaves. Nessa linha (perdido-eu) as constelações se perdem, na porosidade da pedra; nas lágrimas que regam a flor.

Tudo muito difícil. Assim como a semente que ninguém nunca plantou, preparou, cuidou. Sou qualquer coisa deambulante nos ventos ásperos, tentando permanecer na flor. Fixa. Desenvolvo o meu ser até encostar na raiz. Repouso na garoa da noite. Aceito no meu fulcral o escurecer. No fim de toda a oposição, uma dúvida entrava e uma resposta canta, sem que sejam ditas palavras.

Tive, esse tempo todo, que nunca passou, saudades de mim. Mas sinto que estou me despedindo de alguma cicatriz. Sei que algo, agora mesmo, está morrendo em mim. Deixando de pairar sobre mim. Evaporando na porosidade da vida ? Existência. Inalar e exalar.

Vou para qualquer lugar que seja esse lá.

<sup>1</sup>trocadilho com o significado da palavra 'in' no inglês que passa a ideia de estar 'dentro dalgo', nesse caso dentro da felicidade na sua forma pura, ainda que no português esse significado também carregue o peso de um pouco de infelicidade ? (in)felicidade.

## Gostos e Afinidades

Eu gosto das montanhas  
porque elas não falam,  
mas permanecem contidas  
nas formas do que é seu.

Eu gosto das folhas das  
árvores, porque elas caem  
em silêncio fraterno, calmo  
e numa lentidão quase que  
eterna; como uma reza.

Eu gosto das flores,  
porque elas não ensurdecem  
a relva, a flora, o verde,  
contudo, se contentam  
com exalar um perfume  
que nunca foi só seu.

Lembro do teu e do meu.

Eu aprecio a grama pelo conforto  
que gera, pela causa que espera  
para poder crescer.

A natureza sempre me ensinou  
sobre ser algo assim  
tal qual eu.

*[Assim, refrigerada e natural.]*



## Porosidade - Apperzipieren (perceber)

Desbotando as cores até aproveitar o melhor do seu vívido tom.  
Sugando a '*coloratura*' dos pingos que restam na paisagem  
inteirada, empoeirada, donde só aparenta não sobrar mais nada.  
Contudo, há sempre algo. Algum resquício do inefável que me  
sonda e analisa interiormente; arrefecendo o calor dos  
movimentos bruscos; restaurando a brisa sutil e o verde musgo.

Quadros de casa com rostos que vão envelhecendo conforme  
o tempo cria mais segundos... e não para. Nem mesmo em mim,  
pois em cada pensamento o segundo é traspassado, mas não me é  
roubado; não posso paralisá-lo, pois fazê-lo ter um fim é  
pôr um fim a mim mesmo. É um defeito bem-feito.

Sinto saudades desse lar de sorrisos afetuosos que me abraça,  
enquanto paio sobre todas as reminiscências desse estado  
que me dissolve no entardecer, como se estivesse começando  
a amanhecer, a construir nova cidade, sentindo nova alvorada.  
É uma entrega natural que só o amor é capaz de carregar.

O amor no nosso peito pelas pessoas, pela vida breve, pelo  
céu que verte os ventos frios da noite escura em aves que  
cantam pelo cais da eternidade. Sem nada que fazer  
tentamos contar as estrelas e esquecemos o pensamento  
noutro lugar. Deixamos cair o braço e abrimos os olhos  
das coisas perdidas.

O silêncio da onda que se ergue no mar é desprendido ? abre-se.

É exatamente nesse jardim secreto que a porosidade da  
palavra se esconde; refugia o eu refugiado; refulge; surge  
como fonte; urge no onde da alma e não me esconde nada.  
Ela cria imprevistos que o poeta vê; impressões sublimes,  
admiráveis aspirações que transporta tudo que está aqui

dentro até que tudo isso transborda. Na porosidade não existem mais bordas, limites ou formas tortas. Tudo advém.

Aporta. À porta estão as recordações que choram, mas são já incolores. A cor já se desgastou. Aporto o novo e o seu final; Aborto a fuga. Fico e findo. A existência da porosidade é reflexo dos pensamentos que vieram. E nós? Partimos campo à fora. Agora o campo já se desmanchou e o pensamento foi-se com os ventos perdidos.

## Corpo Imaterial

Derivar do impulso humano.  
A fragilidade da arte e o encanto.  
Canto no enquanto.  
E amo e ando.

Colorido, mas triste,  
corporizo a felicidade  
e anoiteço com a tristeza  
desmaterializada, desmotivada.  
Desfeito. Agora tudo está desfeito.

A mistura do momento que se  
sobressai, brilhante, produto  
híbrido e desafiante ? feito  
de alma e do coração alarmante.

Nessa altura, como remédio,  
debruço-me no retiro do mundo  
maternal das águas claras.  
Jogo-me nas suas fronteiras difusas,  
nuas, encarando os nossos novos  
horizontes abertos e lavados.  
Derivo d'alma purificada.

## Espalhando desejos, lágrimas e flores (tudo cai em minhas mãos)

Eu quero deitar num ambiente mais vasto e  
mais livre, caber em cada gota do mar, segurar  
algo menos tépido e menos sério. Ser o  
sentimento avassalador do entardecer ? avoar.

Que seja velho, mas feito de natura.  
Que irrompa e distinga a natureza do  
mundo e da sociedade das coisas atuais  
quando a chuva começar a molhar a cidade.

Os sentimentos de alguém...  
O ônibus que foge para uma cidade distante...  
Tudo em menor dimensão aflora. Aborda.  
É o fim da estação e pétalas espalham-se.

Eu quero constantemente mergulhar no  
que havia na estrela que ainda não  
despontou; raridade banal escondida;

Ser levada pelo esclarecimento da  
lamendoeira; tocar o brilho do azul místico.  
É preciso solfejar ? escrever para tocar a vida.

Favoritar as circunstâncias quotidianas  
com a suavidade insistente e lívida. Amá-las.  
Não se esquecendo de cuidar do que é.

Apagando os passos tristes, olhando para  
o céu e fazendo contato com Quem faz o  
meu coração bater aquecido de novo.

Eu vivo para designar a mim mesma a  
2'porosidade' inesgotável desta vida que é  
lei-raiz. No fim do dia, não escapo do que sou.

Os pequenos detalhes imprecisos e ricos...  
A mão que quer enxugar a lágrima...  
O vento macio que percorre.  
É o fim da estação e lágrimas espalham-se.

<sup>1</sup> Amendoeira simboliza o ato divino de velar, vigiar e proteger, conhecida também como a "despertadora", por ser a primeira a anunciar a Primavera. Precisamos fixar os olhos na amendoeira espiritual, principalmente nos tempos difíceis, quando os relacionamentos, os planos e os sonhos parecem perdidos...

<sup>2</sup> A porosidade assume o significado da metamorfose contínua ("inesgotável") da pedra, que é a vida neste poema, que vai liberando os seus poros e evoluindo ou decrescendo.

## O mundo é você

Quando movo meu dedo  
a chuva para,  
pois a chuva  
sou eu.

Eu tenho o mundo  
nas cordas  
da minha  
alma.

'Limbo', mas não  
choro sozinho.  
intensidade  
isso é só.

É aí que está o tempo;  
o significado  
só pode estar  
em você.

## Meu melhor - LIMBO

Emoções que vêm e vão  
como a onda do mar  
que insurge e no  
final quebra. Morre.

Uma noite doce dolorida.  
Colorida, mas com sabor  
de lágrimas presas.  
Repletas de ânsias.

Sou uma fraude. Sou verdadeira  
e não sou nada. Faço qualquer  
linha caber nos meus passos.

Machuco-me de novo, mas não  
é nada. Já até criei casca.  
Da cicatriz só resta a recordação.  
Sinto-me como um 'limbo'.

Ponho a cabeça e as mãos erguidas  
para fora da janela num pico de êxtase,  
respirando calma. Posso ver isso tudo  
na minha mente. Estou lentamente indo à lua.

Eu seguiria o pôr do sol até o final dessa estrada,  
se a vida não fosse mais nada. Esse é o meu  
tempo. Mas a vida é mais que nada.

Ainda não larguei o vício de pôr  
significados intrínsecos meus  
nos outros. Vasculho nos meus  
demônios e não sei o que  
encontrar ou evitar.

Pulmões que só querem sentir vida.  
Cheirar a vida. Viver a existência. Plena.  
Barulhos que embaçam tudo isto.  
Embarco no sem-sentido.

Eu quero mostrar o meu melhor.  
Ser o meu melhor. Personificar  
o ideal. Ser transparente,  
algo bom e real.

É um corpo de carne e trapos, mas  
aqui dentro bate um coração que  
se fosse cor seria branco: a junção  
do incolor de todas as cores.

Todas as emoções possíveis já  
foram aglutinadas aqui dentro,  
Agora só resta ser o melhor,  
E ele seria.

Sendo o coração meu pedaço,  
serei o que no espelho aparenta  
ser a parte quebrada, mas é tudo  
que eu sou. Meu melhor.



## Dança da Energia que Flui – La Pioggia

Queria que essa energia que flui quando escrevo  
ou quando penso na palavra em si suficiente  
nunca terminasse. Apenas flutuasse sobre mim.  
Como a luz da lua sobre o rio, fraturada e crua.

O ganso da meia-noite recorda-me da dança  
que não dançaremos juntos.

Sondo a terra dos sonhos, está vaga e azulada,  
mas ainda é habitada. Habito nela eu, deixando  
o coração romper, dizendo que num futuro próximo  
verei você. A <sup>1</sup>pioggia interna que crio. Suspiro.

O amor silencioso é como a canção do vento.  
Não me diz nada, mas passa quebrantando  
almas. A paleta de aquarela líquida, rala.

As pétalas das flores me ensinam a abrir-me  
para a vida, enquanto espero por você.

Carrossel da vida. Numa pequena colina,  
assistindo nuvens que dançam por nós,  
finalizando a flor que emana amor.

<sup>1</sup> 'Pioggia' significa chuva em italiano

## Nuvens (Clouds)

As nuvens são brancas,  
o verde canta,  
a cadeira na  
varanda acolhe.

Os prédios antigos passam  
a ter cor durante a  
hora em que o sol  
mergulha no mar.

O cinza é inexistente no visível.  
Um passarinho cochicha-me  
segredos. Belos desejos.  
Contudo, são os meus.

O que será das nuvens de amanhã?  
Ninguém o sabe, mas  
espero, com o coração  
fraterno e diligente,

que não chova ? permaneçam  
assim leves. Quietas.  
Intocáveis. Um pedaço  
de eternidade.

## Ode a Deus

Levanto os meus olhos para o alto, levitando na imensidão do céu azul. Pressinto Aquele que é totalmente desejável. Sinto o abraço dAquele que acima das nuvens circunda e escolhe acalantar a minha alma, por mais fraca que ela seja.

Por mais fraca que eu seja, ao me apegar, sei que a Sua mão me faz vencer. E logo eu quero desejar estar cada dia mais perto desse desaguar de Amor e Graça. Dias difíceis com os seus problemas virão. Sendo assim, peço que envie os seus anjos para me guardarem dos horrores e temores que penetram consumindo esse mundo abaixo do céu.

Que eu faça o que importa: dignifique a vida, subordinando às batalhas e todas estas coisas desconhecidas Àquele que sabe o detalhe de cada átomo que existe, que veste cada lírio de brilho pela tarde ? incendeia a vontade de viver.

Preciso lembrar de não desconhecer a força que ultrapassa os três céus. Visualizar o uniforme milagre do amor, revelar a esperança de viver o amanhã. Deixar ser conduzida pelo Amor, tocar a expressão-viva que me traz a nítida sensação de refúgio que não se desprende da realidade.

Olho para o horizonte, concluo que todas as coisas necessárias para a vida são, na verdade, uma só. É inevitável. É manhã de luz. É glorificação de vida. Amor, Graça, Leveza, tudo é Vida - <sup>1</sup>Atua.

Com os pés fincados no chão, ansiando pelo o que é superior ao azul de todo o céu, aqui, imersa nesse lugar limitado, peço pelas asas; não quero entender as multitudes que me cercam, apenas quero a revelação do retrato de casa. Leve-me para casa.

Um dia vamos todos para casa.  
Vamos ver o Amor  
que fez todo o impossível ser real.

*<sup>1</sup>Em samoano 'Atua' significa Deus. Utilizei esse vocábulo por fazer ligação com a palavra atuar em português, querendo transmitir a mensagem intrínseca sobre o caráter de Deus - um Deus que age, que atua no Universo e por nós.*

## A Cegueira Clara

Os olhos que acreditam poder ver tudo nitidamente, mas o que se vê, entretanto, é a cegueira na sua forma mais realista, implacável e objetiva. É a brancura que cega, a falta de percepção dos contrastes, a visão que já foi tomada e, por não o saber, não sente a angústia pungente de ver o incolor com o seu brilho massivo. De modo contrário, a alma ignorante e perdida, de maneira súbita, permite que a mancha da cegueira faça-se visão completa e única.

Por essa razão, mais do que nunca, vive-se num mundo repleto de cegos que se julgam dotados de visão iluminada, cegos que temem uma suposta escuridão' que, outrora, num mundo de cosmovisão, límpido, seria a verdadeira luminosidade. Tal ideia passa a ser devaneio universal absoluto.

Olhos limitados a ver a luz morgada da lâmpada amarelada e velha. Mas não se dão conta, para eles, essa é a luz-verdade suprema. Enxergar, aperceber-se e notar o difuso ? o que é noite e o que é alvo ? soa como uma mensagem ingênua e desprezível para os cegos covardes.

Impelida pela esperança absurda de restaurar a visão, lavar os olhos com a imensidão do real, do que é, sento-me nessa terra pueril e, aparentemente, inútil, lançando gritos silenciosos aos ventos, audíveis para quem quer ouvir. Implorando amarguradamente pela mundivisão tomar conta de todos os olhos na sua forma original. Refazer o equilíbrio com o que é realista, resoluto e inequívoco.

Esses olhos cansados e escuros transportando um caimento lúgubre estão cansados de carregar o peso da sensatez, de abdicar, calando-se em tempos onde a sua fala é urgente, mas não é a chave para a massa cega, desobediente e inflexível. Sustentar a lucidez é sustentar o que é intangível e, por si só, insustentável.

A sustentação nunca deveria ser o alvo, senão a contemplação, objetiva e verdadeiramente clara. A legião consome a fulgura definitivamente cega.

E eu vivo, no meio disso, afixando as 'ilusões' reais pelos intrusos que bebem do cálice lúcido.

## O Mundo não está perdido - Dorme meu filho

O mundo poderia ter perecido.  
O mundo quase se afundou.  
Mas há muita vida ainda, querido.

Retrospectivamente, viveu-se  
num estado de loucura absurda.  
Contudo, agora, noutros tempos,  
noutras sinfonias, tendo mudado  
as notas, a vida criou, também,  
outra singular harmonia. Toque-a.

Sobre o que se faz cala-se, e o  
que se obtém admira-se, porque,  
finalmente, a loucura está no  
seu estado puro, seguro ?  
é forma de refúgio.

(A muda da planta muda.  
Mudo, eu mudo).

O princípio é uma forma muito  
vaga do que me é revelado.  
Gradualmente, o pensamento  
modela os entrelaços.

O caminho é sempre  
reformulado dentro do objetivo  
que não foge de mim, ainda  
que me sacuda com raiva  
e com um olhar revolucionário.

Recordo o que interessa:  
seguir a forma interior, ainda

em construção. Estimar o que  
está atrás da sombra da lua.

## Amar na Corda Bamba

Aforismos de pequenos absurdos:

Eu dançando com você, lentamente,  
gentilmente, enquanto o mundo rui,  
rompe, prestes a cair em nós.

Nossa sina é segurar apertado um no  
outro como a raiz da árvore que se finca  
à terra. Nos deparamos com o nosso  
mundo à parte do mundo avulso.

Não ficamos espantados, estamos fincados,  
mas, a despeito disso, a dança quebra  
conscientemente esse desfalque que o mundo cria.

O laço do amor que se fortifica aquém das veias  
alheias entorpecidas. Um do outro ?  
temos o mundo completo, todo.

[Aferimos que, eu amo você, enquanto o  
para sempre durar (se desfazer).]



## AZUL

Olho para o telhado do quarto...  
Penso que a tristeza é mais confortável,  
o sol do outro lado aquece,  
mas a lua à noite <sup>1</sup>desmistifica.  
Reduz a luz branca ao azul.  
O azul é confortável. O azul não  
precisa, ainda que possa machucar.

Eu viro para todos os lados  
da minha mente na tentativa de achar  
o que falta, ou o que possui sentido-azul.  
Mas o confortável é pouco.

Eu preciso querer lutar.  
Contudo, eu quero lutar!  
Com tudo eu quero lutar!  
Na verdade, eu quero viver..

No final do dia, é quando finalmente  
nada precisa fazer sentido.  
O nosso querido azul, íntimo amigo,  
acena dizendo adeus, como quem  
sabe que regressa logo mais.  
Mas também como quem sorri mostrando  
que a vida é muito, mas muito mais.

[Por isso as cores do céu só são puramente azuis no seu clímax.  
Portanto, quando nascem (no amanhecer)  
ou quando morrem (no pôr do sol) elas misturam outros tons ?  
outros significados que agregam mais beleza ao azul.  
No nosso caso, agregam mais significado à existência de curto prazo.]

A sinfonia, finalmente, está completa.

<sup>1</sup>(denúncia um erro)

## Como é bom ter o tempo como amigo

Como é bom ter o tempo comigo...

Quão bom é ter tempo de  
lentamente folhear um livro;  
Escrever devagar, sem pressa ou  
medo de errar, admirando  
o cenário à minha volta...

? "É um quadro em vida!"

Pôr tudo no seu devido espaço:  
quem aprende a aproveitar não perde tempo.  
Ganha esse amigo que vai e vêm com o vento.

A todo tempo o tempo é leve;  
A gente é que não percebe.  
Até na dor se mostra mutável;  
A gente é que conta errado e  
acaba que o coração esquece...  
Langoroso aquece.

Aquece.

Agora aquece.

Põe na alma uma concha quentezinha,  
onde o fardo não é erva daninha,  
são espinhos de rosas que cintilam.  
Sangram tudo que há de bom.  
Mar em sangue de tudo que há de ser.

Põe na alma uma canção de perseverança,  
enquanto a esperança avança,  
para que nos dias em que  
não houverem lá muitas bonanças,  
o coração carregue a gratidão  
e a força do que foi e do que será.

Em direção à linha de chegada vou sempre.  
Por onde passar lembro-me do sol que há  
para admirar e se alicerçar ? a existência  
emergindo como o sol que se levanta  
n'alvorada e mergulhando nos lençóis  
do oceano como quem se põe a dormir.  
Como é bom ter o tempo  
como amigo do peito da gente.

## Manhã que se faz

Uma manhã que lentamente  
começa a construir-se.  
Um café quente como as ondas  
de raio de sol dos dias  
de verão na varanda;

Páginas de um livro  
tão velho que tão amigo,  
sendo folheadas,  
lidas com carinho.

Uma gota de café que nele cai  
e forma a desarmonia.  
? Ó vida cheia de (des)graça!

O pássaro avoando por todo lado  
canta, como quem ri da situação,  
e num desencanto que encanta  
um tanto desfaz esse reclamo.

Olhos na natureza;  
Na graça da harmonia  
da sinfonia desarmonizada.

Um casinhas brancas,  
umas árvores verdinhas...  
(Penso em quanta história não carregam  
essas coisas simples.)

Pessoas passando,  
simplesmente vagando.  
Vejo rostos diferentes  
e vidas diferentes ?

almas com os mesmos  
dilemas. Risos e problemas.  
Todos alunos da mesma  
vida que hora ou outra rima.

Um verso à solta;  
Uma palavra à volta;  
Uma linha ao vento;  
Um texto insólito.

Respiro e penso em Deus...  
Agradeço pelo ar, o respirar...  
E nesses instantes a manhã se faz,  
emoldurando o seu belo quadro  
nas veias do tempo da minha mente  
de belas memórias carente.

## Infância Eterna atrás do pensamento - Mother's Room

A imperturbabilidade absoluta que desdenha da inquietude e desenha uma amigável franqueza, à medida que o sol precipita-se nos mares.

Ignorando angústias (que nunca entraram na minha mente), desencadeando rios de tranquilidades dignas. Provérbios e sofismas.

Lembro-me de minha mãe, a força e a resiliência, com as suas falas imperativas e abraços quentes. Interligo à lembrança a imagem de meu pai ? pequeno em estatura ?, mas com um coração gigante, carregando o seu sorriso contagiante e histórias que costumava contar por horas...

O que guardo disto é delicado e franco ? não é palavra: é arquipélago de doce infância.

Quando quero falar com Deus também finco-me nisto: ser brando; ser o 'enquanto' que encontro.

A rede que balançava o que hoje são memórias, o violão velho que tocava os passeios das noites recheadas em Jatobá... ? era um sonho-real.

Algumas circunstâncias são como uma flor desabrochada, que formam base para outras que ainda vão trocar de vestido, como se estudassem o Futurismo.

Por isso, decididamente, sinto que não estou perdido ? a despreocupação é um dos caminhos. Tudo que é Amor cresce atrás do pensamento,

dorme na memória e constrói sua casa no peito ?  
o que é perfeito.



## Saber Viver - Carta à 'lifetime' (enquanto a vida durar)

Sentir falta de algo.  
Agradecer por ter algo  
em que se apegar;  
Abraçar a recordação  
quentezinha.

Ter certeza da vida;  
Não querer morrer ?  
ser semente plantada,  
regada e reerguida.

Aprender com a água  
que corre entre as pedras;  
correr como a correnteza,  
trazendo beleza.

Pensar em tudo e pensar  
em nada; Inalar o céu  
com o olhar ? (re)encantar.

Andar equilibrando-se na  
corda bamba da vida; dirigir  
a corda do violão que quebra;  
tocar a banda noutras  
bandas ? aventurar-se.

Escrever cartas a si mesmo;  
gastar os '*eu te amo*'s com os  
amigos queridos, preciosos;  
Pintar uma casinha branca  
com todos eles dentro.

Aprender a lidar com os

encontros e despedidas;  
Reter o que for melhor  
dos nossos pais.

Devolver todo o carinho que  
receber; Anunciar o que está  
por vir; querer a felicidade;  
Dançar na chuva até o sol volver.

Gostar e respeitar o seu lugar  
comum; Aquarelar o seu dia a dia;  
chorar os oceanos que forem  
precisos, desaguando o riso.

Sempre aguardar o Segundo Sol;  
Formar palavras ao vento no papel  
para lembrar; Fotografar as árvores  
de outono e os <sup>1</sup>beija-flores.

Não fingir, ser <sup>2</sup>Esfinge;  
Não querer o mal de mim ?  
(re)conciliar. O vento ergue-se,  
então eu devo tentar viver.

Ser sozinho e ser amigo;  
Aqui e agora. Você bem sabe...  
Mas eu apenas queria que você  
soubesse disse de novo e, para  
todo o tempo da sua vida, registro.

*<sup>1</sup>Beija-flor: significa beleza, alegria e representa a magia da existência cotidiana, cujas características relacionam-se com o tema da poesia.*

*<sup>2</sup>Esfinge: são monumentos construídos na entrada dos templos e pirâmides egípcias como símbolo de proteção e segurança ao local, evitando que estrangeiros ou saqueadores pudessem acessar as áreas internas, desta forma, quis fazer alusão à necessidade de, não ser apenas "aparência" para o*

*mundo exterior, concretizando o objetivo de nos mantermos fiéis à nossa "essência-potência" interna (como diria Platão).*

## Flagelo - Ilha em Chamas, Coração que Canta

Um flagelo de memória.

A música que ouvi e não volta,  
que não traz a mesma sensação.  
Cada fecho é um fecho diferente,  
pois é natural o sentimento e a criação.

Graus de claridade. Sonhos lúcidos que  
despertam viagens, sinto os resquícios,  
toco as muitas imagens-vontades.  
Lembro da ponte que conecta o rio e  
concede o meu desaguar só de nela pensar.  
Como ela sou fincada e transversal.

Contudo, não possuo o mesmo concreto  
de alma. Como a música, sou desamarrada  
e resoluto. Estar no flagelo de memórias,  
essa ilha onde as águas são lembranças,  
e consumi-la, enquanto me queimo.

Porque sinto a chama, porque sinto arder,  
sei que estou viva. Portanto, ainda há um  
rio cheio de viver, mesmo no flagelo, na ilha.  
Quero consumi-la, ela que me queima,  
até que se desfaça no meu viver ?  
findar a chama, reviver a vida.

## O barquinho que vai e cai

Há um barquinho bem longe no horizonte,  
divagando como eu nos meus sonhos.

O barquinho está vazio,  
então confirmo que ele de fato está vagando.  
O reflexo da água desenha um  
espectro do barco diferente ?  
mais terno e claro, mais raso.

Na superfície só se sobrepõe o raso.  
Contemplo a beleza, mas a acho sem fôlego,  
não me intui nada. Falta a forma significante.

Aprofundo-me no barco.  
A imensidão do seu vazio é o que mede o seu tamanho.  
A imensidão do barco é apenas o seu nada simplório.  
Ele diz muito, como quem só paira sobre a água.

Há um barco. E ele faz parte do todo.  
Da água, da árvore que cria sombra  
e do dirigente inexistente.

Há um barco,  
que no reflexo é só um barquinho.  
O barco sou eu.

## Poema das insignificâncias significativas - Vida

É quando olho para o céu  
e vejo astros solitários,  
perdidos num brilhante compasso,  
E a lua que continua no seu lugar  
em conjunto com as estrelas  
que morrem para brilhar;  
É quando não entendo o que sou...  
Ainda olhando aceito o que não sou.  
Há tempo de transformação.

Como aquela vasta escuridão  
e brilho tempestuoso sigo, alheio a  
outros olhares. Vago, à insignificância  
das grandezas; colho do que  
é pequeno sua tamanha grandeza.  
Amando inteiramente a pequenez  
que passa despercebida do mundo.  
Confundo os sentidos.  
Quero é viver em paz.  
Um festim sem mais.

À toda existência em mim  
insignificante dou letras de vida.

## Pensamentos Deambulantes

Depois do amanhecer a lua morre e o  
'eu' invade um mundo estrelar.  
Não me importava deixar tudo isso.

Pelo menos em troca da necessidade  
de não ser inacabado, não precisar ser  
essa enorme massa de plasticidade.

Desisto de pensar, pensando  
inconscientemente. Performo no  
"progresso" que não gostaria de estar  
vivendo. Antes apenas perfumar.

E pensei sobre outra vida, outro eu,  
outras coisas, o que ninguém escolheu...

As <sup>1</sup>andorinhas são tão sensitivas...  
No inverno vão-se para onde o  
acolhimento meigo as abracem com  
o calor uniforme e despretenso.

Queria eu ir para o meu lugar-abrigo  
sempre que o inverno regressasse, a  
lua morresse e o amanhecer findasse.

<sup>1</sup>O principal significado do símbolo da andorinha é a esperança, sendo também uma representação de amor, pureza, primavera e metamorfose. Neste poema quis remeter à ideia onde nós somos a andorinha.

## Durante A Noite

Porque à noite eu coleciono as coisas das  
quais eu sinto muita falta. E é à noite que eu  
desmaio na palavra. As sombras deste quarto  
lembram-me doutras sombras ? as interiores.

E por quê? Porque é sempre de noite.  
As paredes das quais vou sentir falta...  
A vista da janela antiga que já me falha à memória...  
A nova, que já é antiga e que, portanto, já marcou outro  
pedaço de história. Aos detalhes sou devota.

O piano imaginário que eu tocava agora dói...  
Quando o sol nasce e se põe eu me lembro sempre...  
Para os outros estes serão apenas barulhos,  
para mim, pedaços em mim ausentes e assentes.



## Soneto da Chuva

Uma neblina bem no alto da montanha põe-se  
à porta. Durante todo o inverno espero  
algo e não vem ninguém. Os pinheiros  
ao vento ressoam em silêncio gentil.

Escurecidos exclamam a saudade de outrora,  
achada na felicidade atual de alguém  
que já se pôs sorrindo atrás da porta...  
Casas decaídas, enfileiradas, uma esquina.

Ando com passos preguiçosos, ouço o piano da  
chuva que cai. A chuva reflete reflexiva na poça  
d'água. Entre muitos pensamentos e nenhum.

O mundo parece acontecer bem devagar. Meu corpo  
é muito pesado; continuo no declínio a passos fracos.  
Murchei no inverno e a primavera envelheceu sozinha.

## Antes de Dormir Pensei: Um Devaneio Coerente

Um empecilho muito claro e visível afetava  
o meu ser e era triste de ver. Uma história  
que não interessava nada. Enxugando as  
lágrimas tentei sorrir, enquanto a música da  
vida tocava e eu em paralelo desafinava.

É cansativo...

É sempre a mesma estrada...

A mesma música. Errada.

Sigo no vento, mas parada.

(Queria estar pousada)

Sinto facilmente o mundo meu e o meu  
indigente; o mundo de fora e toda a sua  
gente. O tempo anda rápido e as minhas  
mãos parecem ter parado... Há momentos  
em que sinto sono de tudo isso.

Uma voz que acalma um coração vagante,  
quase triste e velho de sonho. Meu consolo  
tal como isso que digo, não é tão simples.

Deito a cabeça no travesseiro e desisto de  
pensar. Meu consolo se faz simples quando  
ponho as palavras no seu lugar: "mente-branca" e "tábua rasa".  
Mesmo que seja tudo imaginário, mesmo que  
seja tempo perdido, foi vento apreendido.

No final de um dia cansativo é esse sonho  
brilhante que mantém este coração fluído.  
Algum dia o sonho passa a ser letra e faz-se  
amigo. Por isso, sonhar é viver  
e viver é ver.



## A estrela queima, eu teimo e volto

No brilho da noite eu encontrei  
o significado perdido, avulso  
da estrela caída.

Parece ter sofrido e estar perdida,  
mas brilha. Emite raios que se  
pudessem, cantariam.

Brilha e irradia com uma potência  
que só paira nas caídas.  
Observo de dentro.

Volto para casa,  
já não me sinto solitária.  
A estrela queimou.

- Comentário/explicação sobre o poema:

A estrela "*ter queimado*", neste poema, remete ao termo científico de ' **fusão nuclear**', onde as reações de  **fusão** são aquelas em que dois núcleos de átomos de massas menores se unem para a formação de um núcleo maior. Logo, a  **fusão** nas  **estrelas se dá no seu centro**, em  **altas temperaturas**. Quando acaba o combustível ? e a  **fusão** chega a queimar elementos mais pesados como o ferro ? e o reator  **nuclear** é desligado, a  **estrela** não pode mais suportar o peso das camadas que estão próximas ao núcleo dela. Ela então explode, num fenômeno chamado '**supernova**'.

Acho incrível a forma esplendorosa e dolorosa de como a estrela tem de morrer para viver todos os dias... Às vezes me pego pensando sobre como quase ninguém atenta ao fato dela brilhar apenas porque queima primeiro. Se fossemos como as estrelas, agarrássemos a nossa sina, enfrentássemos nossos "elementos mais pesados" e aceitássemos os "momentos de fusão nuclear internos", a fusão da vida-vivida com o peso das camadas de não-vida seriam melhores. Eu seria melhor. A estrela que morre todos os dias me inspira e reanima. É o que queima que é vida.

## Voo meu

Vou voar.  
Vou estar.  
Voo no ar.  
Estar lá é  
retificar os  
intervalos  
serrados.

Retirar o que  
está cerrado.  
Voar vou.  
Hoje sou.  
Sei que sou,  
o que sou  
no voo que  
hoje sou.

[O passarinho  
que voa à  
noite toda  
em busca  
de uma luz  
para fazer  
morada]

? E voou no vento da vida, que na brisa o levou.

## Registros Desejados, Cuidados e Diários Transbordando

Estou vendo o sol cair lentamente por detrás das velhas casas. Um avião corta o céu e flutua como se fosse a rota duma nuvem; penugem sem chegada, sem ferrugem ou nada. Passando mais perto estrala um zumbido tranquilo. A estrela é afastada, mas na nostalgia retorna na forma de um amigo.

O amor silencioso afasta-se, firma no firmamento e finda. Vejo o que é ser o esplendor em si: **a disciplina do vento é a vida em poder**. Não basta querer o querer, há de se transver para reviver os olhos estremeçados; torná-los para o seu interior compassivo, que veem o inesperado, o viver ? catalisar-se como um peixe no mar.

E as nuvens quando se desfazem é que começam a colher. A chuva enquanto cai me faz dormir e perceber. Pairar no ar como um último poema. Esquecer a <sup>1</sup>tragédia de Midas. Beber o Amor do quadro em mente, reluzente.

Quando não há outra opção a não ser a monotonia, respiro e crio a consciência do meu sangue: nada é eterno e tudo molha como a chuva. Por isso, não deixo o sol cair em mim, deixando-o. A pintura colorida do que vejo é o Segredo. Não sei o que me espera, mas equilíbrio-me neste Segredo. Sei a Verdade e permaneço nela, à espera.

À ela, que me atravessa e (re)versa, dou lugar confortável, asas e monto um pequeno avião, com ambição de voar profundamente pelo seu segredo descomunal e incomensurável. Mergulhar no mar e não voltar a mesma. Mergulhar no <sup>2</sup>terceiro mar e não precisar mais retornar.

<sup>1</sup>Midas é um personagem da mitologia grega. Há um principal mito atribuído a Midas: o de

*transformar em ouro tudo o que toca, o que torna-se, posteriormente, para ele uma maldição. Quis remeter, desta forma, ao caráter simbólico e metafórico do ouro neste mito à sociedade contemporânea consumista ?"Esquecer que o ouro vigente é ouro" "Debruçar-me mais sobre o Verdadeiro Ouro que nem mesmo o ouro finito é capaz de comprar", esse tipo de sentimento.*

*²A referência ao terceiro mar é uma simbologia que fiz para explicar a necessidade ultrajante que sinto de ir para casa, um lar que ultrapassa os três céus e tudo que existe no meu visível limitado. Expressar o desejo de retornar ao início ?"Home where I belong".*

início dia 10|10|23 às 19:11

término dia 26|11|23 às 21:11

## A Utilidade do Inútil

O que é fascinante me leva demasiado longe.

Nas coisas ínfimas sinto a grandeza;  
a destreza das montanhas me chama,  
eu ouço e espero conseguir alcançá-la.

Quando se compreende a utilidade do inútil,  
transcende-se a visão outrora empobrecida,  
abre-se para a arte. Porque no inútil descansa a paixão,  
a primazia das cores, os sabores sentidos e os sentidos  
em sabores; o saudosismo, o abrigo da árvore,  
a vida no reino da arte. Chove, mas chove o silêncio.

O momento em que o Homem se elevou  
aos animais não foi quando criou a máquina e  
a velocidade, foi quando colheu uma flor e a amou.  
Colheu duas riquezas inúteis e viveu. O necessário  
é tão preciso e precioso. Deter-se nele traz à memória  
cama quente, abraços da relva e aconchego de mãe.  
Longe da pressa cultivo poesia, umas do pé de laranjeira,  
outras atrás da mangueira do pensamento, cítricas e doces,  
cada verso engloba um horizonte esperado e o meu hoje.

O inútil torna o Mundo mais belo, a abelha aprecia o inútil,  
o elefante aprecia o inútil, o papagaio aprecia o inútil,  
portanto, também eu devo estimar o amável inútil.

O inútil da Primavera eu abraço;  
O inútil do Verão eu pulo que nem corda;  
O inútil do Outono eu caio com o vento e o canto;  
O inútil do Inverno eu adormeço e me conheço;

A graça reside na existência do saber que na escala  
dos seres vivos, só o homem é abençoado com a



dignidade da inutilidade. Na existência-vida prefiro  
gerar o que é útil, modelando as argilas do sonho.

## Queda de Morte Súbita - o Eu Hades

Queda de paradigma,  
fim sem conclusão,  
indescritível, imoral.

Não se olha para trás;  
não se vê nem se repara  
no quebrado, em pedaços.

O mais perto é uma  
etapa inacabada,  
a incompletude vaga ?  
meramente estúpida ?  
de quem escolheu ficar  
para trás, no obsoleto  
do parapeito, entre os  
meios; entre lugar nenhum.

Instaura-se num retrógrado  
plano de fundo, vendo a miúdos;  
o mundo é concebido  
através de lentes turvas.

Ultrapassou-se, mas não  
venceu a tépida visão.

Ultrapassou o paradigma,  
no entanto, foi através  
da ruína do Ser vigente.

É ser cego. Vive-se no espírito  
distópico, que destrói a si próprio  
devagar, enquanto um disco  
arranhado perfura a realidade,

impedindo-o de sentir a lucidez,  
impedindo-o de se ver.

A queda termina. <sup>1</sup>Hades morre.

<sup>1</sup>deus grego do mundo dos mortos que possui todas as riquezas da terra, mas reside no lugar mais sombrio dela.

## Poema do Aleatório Significativo

Afastar.  
Formar;  
Findar.  
Afinal,  
firmar,  
firmamento,  
fórmula.  
Força.  
Gota;  
ouça;  
zumbido  
doce  
trouxe  
tranquilidade  
a uma alma  
na cidade.

Perambular,  
petrificado  
pela porta  
plena que  
permeia  
o entardecer:  
pondo-se para  
outro princípio.

## Reflexões breves de final de ano

Garoa de sentimentos  
para este fim de ano;  
Garoa de sentimentos  
nesta época sublime do ano.

Esqueço do tédio, do choro  
e de tudo que é morno.  
A iniciativa das luzes põe em  
mim o espírito esperançoso.  
A garoa de sentimentos paira  
e eu reparo no enquanto que une  
todo um mundo, mais uma vez,  
como nos tempos antigos ? universal.

Aguentar tudo para viver esta época  
abraçando a minha garoa de sentimentos,  
desejando o melhor, esperançosa pelo melhor,  
em conforto e gratidão por tudo que há.

Garoa de sentimentos,  
eu vejo famílias e os seus cantos;  
Garoa de sentimentos,  
que possa esse momento se repetir.

## 2023-24 - O Fim e o Começo (Novo Ano Novos Eu's)

Distância, silêncio e paz.

O ano termina e um eu finda,  
outro remenda-se e o restante

aprimora-se. O fulgor que

ascende aos céus quando

os fogos são disparados é

o que desejo manter no intrínseco

para renascer e relembrar as ondas

maleáveis da vida: os rios doces

e os mares tempestuosos.

Esperança, perseverança e gratidão.

Mantenho o Mantenedor no coração

para mais um ano, para mais uma vida-

existência aprendida e apreendida.

## Aonde quer que seja

Manhã de inverno e ventos novos sondam este lugar,  
sinto tudo mais perto. O sussurro das folhas traz-me à  
lembrança os momentos de chuva já não existentes,  
porque tudo passa, porque tudo se desfaz quando já não  
há tempo. A visão do céu sepulta em mim a lembrança  
de coisas futuras ainda inexistentes, mas que só de pensar  
fazem-se presentes. Presentes... a vida, aonde quer que seja,  
tem de ser filtrada como presente divino; é vida que deve ser  
protegida. E você tem de se proteger agora.

As duas realidades se conectam através dos pincéis velhos  
da visão abafada e da restaurada. Você tem que querer viver.  
E sentir, e chorar, e doer, e escrever sobre a neve cristalina.  
Eu vou estar, no final de cada etapa, onde quer que você  
esteja. Eu quero estar onde quer que você esteja. Não se  
esqueça: com o passar do tempo alguns são esquecidos,  
outros passam despercebidos, mas você é raiz-real que fica.  
Se o tempo é como a onda, então um dia ele será levado pela  
maré, por isso, viva livremente, deixe as correntes, aprendendo  
a nadar na correnteza, guarde o que é bom e faça-se feliz!

A vida continua quando não há ninguém lá.  
A vida continua quando aquele lugar especial  
se torna apenas uma memória. A vida continua  
quando o ideal parece transformar-se numa breve  
miragem. A vida não termina quando se tem medo,  
no entanto, ela segue seu ritmo inexorável, de ida.

E qualquer espaço é sentido como casa, se  
nele penso no meu lar. E por isso eu quero ser melhor;  
quero fazer melhor e seguir essa ida sem arrependimentos,  
para estar onde você estiver ? no amanhã. Seguro firme até lá.  
Seguro nesse elo único, como se houvesse apenas o hoje.

Às vezes a lua me diz para continuar perseguindo este propósito e então me lembro do porquê estou vivo.

Ouçó a contagem regressiva e confio. Na noite durmo tranquilo balançando sonhos que ao sentir são reais.

Me abraço forte.



## A Segunda Estrela

Poderei eu ver a <sup>1</sup>Segunda Estrela?  
Acima, à direita, <sup>2</sup>azulada, <sup>3</sup>branca e <sup>4</sup>roxa,  
à quilômetros daqui?

Tudo que brilha está longe daqui e eu  
pressinto o que conta-me os  
planos dos sonhos.

A Segunda Estrela é a necessidade.  
Resplandece no céu que não é meu,  
lidera a noite, esta que é minha.

Quando a hora final ressurgir, os  
sonhos não serão mais do que  
meras palavras.

Portanto, ame a lua; morra com a  
Estrela Primeira e abrace a  
noite deslocada

Até lá, espero que a Segunda  
Estrela cruze logo essa noite  
e desponte perfurando-a.

[É uma certeza que quero que  
desejo que aconteça logo.]

1. Segunda Estrela: esse termo faz referência ao renascimento pessoal, ao ressurgimento individual das trevas à luz, ao desenvolvimento e crescimento. Ao encontro próprio com céu, o divino, a proteção, a esperança, o desejo, a renovação, o equilíbrio e a sabedoria.

2. Azulada: refere-se ao estado intrínseco de melancolia, espiritualidade e reflexão constante que levam à harmonia em mim.

3. Branca: designo como branco a estrela que é radiante e luminosa, sem espécie alguma de dano. Tudo que é puro e bom, doce e terno.

4. Roxa: aqui faço uma mistura de conceitos linguísticos: "Borahae", em coreano, é uma mistura de duas palavras coreanas, "bora", que significa roxo, e "saranghae", que significa eu te amo, sendo essa junção criada por Kim Taehyung, para expressar o conceito de amar e confiar por muito tempo, porque roxo/violeta é a última cor do arco-íris.

5. Estrela Primeira: aqui ela significa as primeiras dificuldades, os tormentos e problemas que existem antes do nascimento da Segunda Estrela. Esta precisa morrer para o nascimento da segunda.

## **I KNOW WHERE THE RAINBOW HAS FALLEN (Eu sei onde o arco-íris caiu) - Fantasia da Infância**

O lugar onde o arco-íris caiu  
que ninguém viu, mas eu conheci.

Há muito tempo, num lugar pacato e cheio tempo,  
que abrandava o escuro e onde o bravo sol enternecia  
as mentes a cada manhã. Era lindo e singular.  
Era ouro construído de momentos ricos.

Um espaço-tempo fantástico de fantasias contidas  
em lágrimas e sorrisos puros. Naquele tempo, não  
sabíamos o nosso rumo. Não esperávamos que o  
arco-íris fosse o caminho disso tudo.  
Eram muitas cores entretidas num só rumo.

No final disso tudo, ele caiu. Lindamente, mas caiu.  
E eu lembro-me da marca que em mim deixou,  
como o verão que cai para um outro que virá de novo;  
O poente que morre dando vida à lua nascente.

Arco-íris surgem.  
Arco-íris passam.

Arco-íris regressam quando a chuva e sol em harmonia  
convivem. Eu vivi lá. Eu o vi. E carrego esse ensinamento  
n'alma: o ouro do arco-íris é a vivência aprendida em  
todas as suas cores vistas e apercebidas.

## Diary – fragmentos esparramados

imagine-se  
feito de cor;  
rabisque-se  
com lápis preto  
ou incolor.

criação, crie!  
este é o seu  
mundo, com  
amor, temor,  
pudor e dor.

mergulhe em si,  
você que é feito  
do que seja  
que for.

alma ambulante  
encontre o seu  
ritmo, avante!

porque a vida  
é o seja o que for.  
? 10/08/23 às 1:26

a lua azul,  
o lírio do vale,  
o compreender,  
o fazer da vida  
sem correr.

vi ? e ainda

vou ver ?  
esse é o  
viver.  
? 10/08/23 às 1:21

saindo para adentrar na existência.  
ênfase de portas que  
enxugam lágrimas.

tudo que foi perdido foi um ganho.  
finalmente, vamos de volta  
para casa.

ao meu lar.  
lá.

lá de notas,  
lá de adjetivo  
e lá de não mais lamentos.  
lá num outro acorde  
harmonioso e contente.  
? início 10/08/23 às 1:21  
fim 14/01/24 às 23:50

quando disse aquelas palavras automaticamente as apaguei.  
foi como poeira. só tinha de passar de fora de mim e incomodar outrém.  
indo pra casa. lua santa, alta. canção de ninar. esquecimento. obscuro esquecimento.  
para você.  
? 19/12/23 às 1:09

pedaços pequenos do que  
não quer ser grande, não  
pretende fraturar, desmontar.

contudo, como todo pedaço,  
anseia por ser dado como completo,  
ser molde não colocado ao lado.

sempre o mesmo.  
sempre zunindo e  
sumindo, o vagalume.

desejo que não morra.  
viva, nenúfares negros.  
lírios fraternos d'água, viva.  
? 10/08/23 às 01:19

deixar ir, deixar ser...  
é a vida de novo. novo.  
noutros outros.

duma 'intro' para um 'outro'.  
? 19/12/23

Viver é Ser.  
S entir  
E errar  
R econhecer  
Viver e Ser.  
? 19/12/23

eu vou lembrar de esquecer coisas  
durante o verão  
e vou esquecer de lembrar doutras  
durante o inverno  
? 15/12/23

nas profundezas do oceano  
não me interessa nada,  
no coração que palpita  
e chama a lua nova é onde  
está o meu (en)canto.

somos bonitos, mesmo  
sem o verão que se foi.

porque nós amamos.  
isso é tudo.

c-o-n-s-t-e-l-a-ç-ã-o.

[com amor-ação]

? 19/12/23

paleta de cor de água.  
sentimentos.  
euforia ou mágoa?

o azul é profundo  
ou transparente.

sem uma linha  
linear como eu.

paleta d'agua índigo.  
a despeito da dúvida,  
é doce abrigo.

? 17/11/23

afastar

formar  
findar  
afinal  
firmar  
firmamento  
fórmula  
força  
gota  
ouça  
zumbido  
doce  
trouxe  
tranquilidade  
a uma alma  
na cidade.

perambular  
petrificado  
pela porta  
plena que  
permeia  
o entardecer:  
pondo-se para  
outro princípio.  
? 03/11/23

fim.



## É preciso pairar com o ordinário

Na brisa gentil do tédio paio sem tentar parar.

É inconsciente e natural.

Pessoas que passam entre o meu eu visível:

um embuste perfeito e o meu eu material...

Que tipo de pessoa eu sou?

Nos olhos alheios qual o reflexo que formulo?

São os reflexos que recebo a resposta?

[Eu estou bem? Por que continuo tão séria?]

A necessidade de avaliar tudo minuciosamente

rouba a graça da existência. Acabar é o que falta.

Falta acabar com os detalhes que não prometem nada.

Deixar que o ordinário seja extraordinário, e que o que

falta seja motivo para perseverar, enquanto o que já

é seja razão para agradecer e caminhar o caminho.

As pessoas que cercam essa zona também

sabem que o tempo é templo?

No meu coração fogos de artifício explodem.

Tudo que está explodindo é macio.

Devastador, mas macio.

O tipo de pessoa que sou

não é pessoa, é rio: pois assim

como é difícil guardar um rio

que corre dentro de nós,

é difícil guardar-me totalmente,

sem espectros ou nuances.

No meu mundo pequeno há uma

imensidão que escusa palavras.

Nesse lugar contempla-se o verde  
sem pensamentos. Basta olhar e  
aceitar o que se é, o que é puro-verde,  
o que morre e floresce cada manhã.

A minha raiz exige o  
ordinário e mira no especial.  
Essa mesma raiz tem me pedido  
muito, mas tudo o que é preciso  
para alimentá-la é água e luz solar.  
Tudo que é necessário é o ordinário.

## Entre o momento-lento e o sono-sonho o poeta veste-se de palavras

Debaixo da cobertura criada pelo sol, levemente aquecida.  
Os dias têm passado cada vez mais depressa, contudo alguns momentos se desenvolvem lentamente, ainda nesse instante.

Adormecida entre a penugem do pensamento.  
Tudo que é considerável é esquecido, o nada é tão específico...  
Naturalmente se esquece de lembrar, para não  
precisar lembrar de esquecer e apenas adormecer.

O sono-sonho é amuleto. As linhas espessas pelo nevoeiro que chega são leves. O nevoeiro é denso. Mas no sono-sonho só o vejo em desenho, em linhas num fragmentado espaço-tempo.

Agora o dia está no fim. Encontro, mais uma vez, um resquício de momento-lento e sono-sonho nele. Deslizo os olhos para baixo e só assim enxergo um mundo lá em cima.

Anoiteceu. Estar sob a luz da lua, sob a alvura leitosa do astro, consumindo a brisa que parece levar-me ao mais sagrado do espaço é momento-lento raro. O universo é algo incomensurável.

Dia e noite calar é decidir não ser, não ser é não caminhar, não caminhar é morrer. Por isso o poeta não cala e escreve.  
Dia e noite embevece o mundo, seja o do momento-lento seja o do sono-sonho, com palavras. As palavras fantasiadas vestem-me. Esse pano sou eu.

## O tempero da vida - azul

o tempero da vida é o sentimento.  
sentir que está vivendo.

vida em marte é abismo muito longe,  
antes dormir no aconchego duma  
rede, a sonhar com os dias bons.

o tempero da vida é o sentimento.  
sentir cada ínfimo momento.

máquinas e o "progresso" podem  
esperar, mas o coração palpitante  
urge pelo surgimento da nova alvorada  
que renova, antes de mais nada, a alma.

o tempero da vida é o sentimento.  
sentir a ternura do céu acolhendo-te.

beija-flores e infância encontrada  
dançam excêntricamente de forma  
natural. Tudo conflui, coexiste em  
harmonia e é concluído através da  
essência, do significado do azul.

Ah!... O terno azul que me envolve.

Se eu não soubesse escrever palavras,  
ainda sim teria o azul, o que é tudo.

o tempero da vida é o sentimento.  
sentir que está vivendo.

a coisa de maior importância não

são as palavras, mas o sentimento.  
felizmente, as palavras entendem o azul.

Por isso, o tempero da vida é  
sentir os momentos azuis que  
transbordam em palavras azula  
das.

[tentar amar o azul é amar-se]

## Des(pensar)

Se a felicidade é resultado  
da morte dos pensamentos  
eu escolho essa recompensa.

Sentir, ainda que se pense,  
para levar a vida é, antes de  
extraordinário, necessário.

Quando as folhas caem e nem  
a árvore ou as folhas fazem alarde  
isto é comprovado: sentir e aceitar  
o que está para vir é imprescindível.

Tudo é quando você não consegue  
dormir. Tudo é quando você está  
demasiado acordado. Tudo sempre  
será. Por isso, como essa máxima é,  
serei também o instante-já.

Deixar ir tudo que vai e já não é.  
desapegar das pegadas passadas  
que apenas um dia foram precisas.  
Na noite este sentimento ressoa.

Avaliar tudo é pensar, e como  
escolho a recompensa, morro,  
por vezes, com o pensar e sou feliz.

[amanhã penso e depois dispenso  
o pensamento ? (des)penso.]

## Reflexões sãs e leves como a árvore

Envolta e coberta pelos amigos,  
onde o riso é coisa sã, nada nocivo.  
O sentimento inócuo que permanecia ?  
regado como uma planta na primavera ?  
e florescia em felicidade, apesar do  
desgosto de sair dela: era esforço não  
violento, que sempre existiu.  
Outro dilema possível.

O anseio inevitável de (des)crever e  
crer para ver e viver a vida mais  
humilde sob a luz da lua em Vermont;  
vida exemplar por virtude e forte pela  
resignação provinda da régia que  
moldara o meu ser travesso.

Nos retalhos do tempo estremecei  
de esperança; o coração pungente  
tropeçou e retornou à prudência ?  
desiludido, mas tranquilizado tal  
como a árvore em meio ao mundo veloz.

A parte mais luminosa do dia: a calma  
instrospecção e conversas triviais com  
Deus ? tudo isso alimenta, no final do dia,  
a alma noturna e sedenta. Só de imaginar  
o som das ondas sinto abraço divino. O  
mundo finito faz-se em instantes infinito.

## palavra é paz interna, é Amar-se

Nas palavras encontro uma paz singular.  
Elas falam-me sem hesitações e custa  
tão pouco entendê-las. Sem elas estaria  
completamente morta. Nas palavras habita  
recolhimento e silêncio. Um universo pleno  
de glória que contém um pouco mais da  
luminosidade em profundidade. É densa,  
mas é expressão leve. Entro em mim e penso:

? E se a paz não fosse 1enrubescer? E se fosse silêncio e recolhimento naturais?  
A estupenda e sublime plenitude do jardim de casa, das minhocas na lama?  
A semelhança é evidente, contudo na minha paz habita o que não é importante  
e no que não há importância descansa o imprescindível d'alma.

Nas palavras a paz é uma vida mais alta, mais  
alta do que tudo aquilo que me rodeia. Sem lutar  
ou desejar muito. É possível esmiuçar-se e não  
duvidar por um instante sequer da absoluta  
verdade das borboletas ou aves. Estar  
predisposta a ver adiante o brilho da chuva,  
assertivamente agir no instante-já e não  
duvidar do que se é, do que há ? Amar.  
Ainda estou na procura duma palavra  
tão agradável e tão doce como mel  
e voo pleno de pássaro.

1Tornar-se mais rubro; ruborizar-se, como no pôr do sol o mar se enrubesce. Com este verso quis aludir à necessidade que muitos têm de recorrer ao interior de si ou de algo vermelho (não-importante) para encontrar uma falsa paz.



## tristeza é a sua hora - meu embuste perfeito

na noite, tarde na minha inocente cama,  
que ajuda a dissipar as dúvidas, vivi já  
várias vidas. As agudas reflexões e as  
graves recaídas da mente na excitação  
da espera. Num estado que fazia lembrar  
doutros épocas onde se olhava mais para  
as estrelas; agora apenas chore a tua tristeza,  
que é força da juventude, porque é sempre  
assim para quem os sonhos foram desfeitos  
e arrancados com toda a força para a  
realidade da dor e do tédio.

Mas a dor é momento, é percentagem de  
vida. É parte do inteiro. Um dia a simplicidade  
bondosa volta num passarinho cantando pela  
manhã escondido por trás dalguma árvore  
esverdeada durante a primavera. Por hora,  
abraça a inutilidade da sua vida, pois todas  
as composições também murcham. Este  
período antecede o inovar delas. Não faz mal  
ser um embuste perfeito tentando se equilibrar.

## o que sou eu - resposta

paleta de cor de água.  
sentimentos.  
euforia ou mágoa?

o azul é profundo  
ou transparente.

sem uma linha  
linear como eu.

paleta d'agua índigo.  
a despeito da dúvida,  
é doce abrigo.

## Des(pensar) para Des(pesar)

se a felicidade é resultado  
da morte dos pensamentos,  
eu escolho essa recompensa.

sentir, ainda que se pense,  
para levar a vida é, antes de  
extraordinário, necessário.

quando as folhas caem e nem  
a árvore ou as folhas fazem alarde  
isto é comprovado: sentir e aceitar  
o que está para vir é imprescindível.

tudo é quando você não consegue  
dormir. tudo é quando você está  
demasiado acordado. tudo sempre  
será. por isso, como essa máxima é,  
serei também o instante-já.

deixar ir tudo que vai e já não é.  
desapegar das pegadas passadas  
que apenas um dia foram precisas.  
na noite este sentimento ressoa.

avaliar tudo é pensar, e como  
escolho a recompensa, morro,  
por vezes, com o pensar e sou feliz.

[amanhã penso e depois dispenso  
o pensamento ? (des)penso.]

## Cego na noite

Cego na noite  
Venho procurando  
O que só foi bom antes

Não há razão nem infinito.  
É o relógio monótono.  
Mas a morte não é bem-vinda.

Aspirante de madrugada  
Venho procurando  
O que pode ser bom, novamente.